

A Natureza da Lógica em Tomás de Aquino

The essence of logic according to Thomas Aquinas

Pedro Barbosa Araújo¹

Resumo: A finalidade deste artigo é a de considerar a natureza da lógica tal como ela se expôs em Santo Tomás de Aquino. Com efeito, este artigo deve compreender-se como intencionado responder certa questão acerca da *essência da coisa*, isto é, o que seria, afinal, a lógica. A definição tomasiana da coisa inclui vários conceitos que devem ser estudados, um a um, a fim de que a sua explicação se torne inteligível, a rigor. Assim é que um estudo que tematiza as noções de “arte” (*ars*) e “ciência” (*scientia*) deve realizar-se com esse objetivo. Ademais, outras notas distintivas do conceito de *lógica* também serão consideradas, tal como a de que seja uma *arte inventiva*, de sorte que, afinal, a sua natureza se esclareça. Dado que os temas abordados têm uma interrelação muito refrisada, é fundamental tratá-los para que o objetivo final deste artigo possa realizar-se, tal como se deve.

Palavras-chave: lógica, essência, arte, ciência

Abstract: The purpose of this article is to consider the nature of logic as it was exposed in Thomas Aquinas. In fact, this article should be understood as intended to answer a certain question about the essence of the thing, that is, what would be, after all, the logic. The Tomasian definition of thing includes several concepts that must be studied, one by one, so that their explanation becomes intelligible, strictly. Thus, a study that thematizes the notions of "art" (*ars*) and "science" (*scientia*) should be carried out with this objective. In addition, other distinctive notes of the concept of logic will also be considered, such as that it is an inventive art, so that, after all, its nature is clarified. Since the topics addressed have a very strong interrelation, it is essential to treat them so that the final objective of this article can be realized, as it should.

Keyword: logic, essence, art, science

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: pedrobarbosaaraujo81@gmail.com

1. Introdução

A determinação da natureza da lógica em Tomás de Aquino tem como finalidade a concessão de uma primeira explicação acerca da coisa de que, a seguir, se tratará a mãos cheias. Com efeito, é mediante essa explicação que se saberá o que seja, efetivamente, a lógica enquanto tal. Para que esse conceito se determine melhormente, será necessário dividi-lo para que se saiba se a lógica enquanto tal é ciência (*scientia*) ou arte (*ars*) ou se, afinal, o que seria muito específico dessa disciplina, ela não seria, a só tempo, arte e ciência. Assim, neste artigo, baseando-se nas principais obras nas quais Tomás considera a questão, tratar-se-á, justamente, de sua determinação a fim de que ela se resolva, a contento. Essa resolução requer, por si só, que um esclarecimento preliminar da natureza das artes em geral se realize, aí incluídas a arte mecânica (*ars mechanica*), designadas também de arte servil (*ars servilis*). Com isso, julgou-se também da necessidade de apresentar certa introdução ao conceito de arte liberal (*ars liberal*), de sorte que, precisamente, a natureza da lógica enquanto tal se evidencie, com todo o rigor possível.

1.1 Uma primeira referência à lógica

No *prooemium* de seu comentário aos *Analíticos Posteriores*, Santo Tomás assinala que as artes foram inventadas pelos homens para que as suas ações atinjam determinado fim ordenada e facilmente. Diferentemente dos animais irracionais², há no homem certa reflexividade pela qual pode se distanciar dos objetos imediatos que o cercam, de modo que não apenas os vivencie em experiência direta, porém os tematize, com o seu entendimento, separados e considerados em si mesmos distintos dos outros. Por esse ato reflexivo, atualizado sobre as ações que o homem realiza com as próprias mãos, surgiram as artes mecânicas, as quais são

² AQUINO, Santo Tomás de. In I Post. Anal., 1, n. 1: “Sicut dicit Aristoteles in principio metaphysicae, hominum genus arte et rationibus vivit: in quo videtur philosophus tangere quoddam hominis proprium quo a caeteris animalibus differt. Alia enim animalia quodam naturali instinctu ad suos actus aguntur; homo autem rationis iudicio in suis actionibus dirigitur”. [“Tal como disse Aristóteles ao começo da Metafísica, o gênero humano vive pela arte e pela inteligência, no que parece que o filósofo refere algo pelo qual o homem se distingue dos outros animais. Enquanto que alguns animais agem de acordo com certo instinto natural, o homem dirige as suas ações de acordo com o juízo da razão”]. As traduções realizadas, todas de nossas mãos, colheram-se da Edição Leonina, disponibilizada em <http://www.corpusthomisticum.org/iopera.html> (último acesso em 07/01/2024).

um produto de uma reflexão sistemática sobre o modo como deveriam ser realizadas as ações a serem realizadas com essas mesmas mãos.

O entendimento, porém, caracteriza-se não apenas pela sua reflexividade, como também pela sua universalidade: de ambas surge a possibilidade de que o ato mesmo da razão se torne um objeto tematizado para que seja conhecido enquanto tal. Não é tecnicamente correto, mas poderíamos dizer, a uma primeira aproximação, que conhecer é certa proximidade na qual o conhecido é possuído por aquele que o conhece; se o conhecido em questão coincide com os próprios atos da razão, e se essa posse referida dos atos mesmos da razão é o que foi intencionado quando os atos da razão foram tematizados reflexivamente, então já podemos nos aproximar de alguns aspectos da natureza da lógica descritos por Tomás de Aquino nas linhas seguintes:

Pois a arte não parece ser outra coisa que não certa ordenação da razão de modo que os atos humanos atinjam por meios determinados o seu fim devido. Ademais, a razão pode não apenas dirigir os atos das partes inferiores, mas também é diretiva de seu próprio ato. De fato, isto é próprio da parte intelectual posto que sobre si se reflete, dado que o intelecto entende a si mesmo e, similarmente, a razão pode raciocinar sobre si mesma. Assim, do fato de que a razão tenha raciocinado sobre os atos realizados com as mãos descobriu-se a arte edificatória ou fabril, pela qual o homem pode realizar fácil e ordenadamente esta classe de atos, pela mesma razão, é necessário certa arte que seja diretiva do próprio ato da razão, pela qual o homem proceda no ato mesmo da razão ordenadamente, facilmente e sem erro. E esta arte é a lógica, isto é, a ciência racional³.

Analisaremos o trecho citado a partir das seguintes teses: a) Santo Tomás expõe a definição mesma de lógica “A arte diretiva do próprio ato da razão”; b) A invenção das artes decorre de uma necessidade para que por meios determinados as ações humanas atinjam o seu fim ordenada e facilmente de modo que essas ações que se direcionam a esse fim sejam fáceis de

³ Ibid.: “Nihil enim aliud ars esse videtur, quam certa ordinatio rationis quomodo per determinata media ad debitum finem actus humani perveniant. Ratio autem non solum dirigere potest inferiorum partium actus, sed etiam actus sui directiva est. Hoc enim est proprium intellectivae partis, ut in seipsam reflectatur: nam intellectus intelligit seipsum et similiter ratio de suo actu ratiocinari potest. Si igitur ex hoc, quod ratio de actu manus ratiocinatur, adinventum est ars aedificatoria vel fabrilis, per quas homo faciliter et ordinate huiusmodi actus exercere potest; eadem ratione ars quaedam necessaria est, quae sit directiva ipsius actus rationis, per quam scilicet homo in ipso actu rationis ordinate, faciliter et sine errore procedat. Et haec ars est logica, id est, scientia rationalis”.

serem atualizadas; e c) As artes edificatórias e fabris se assemelham à arte da lógica pelo fato de que ambas usam da razão, mas se distinguem da lógica pelo fato de que as primeiras ordenam e buscam ordenar as ações de parte do corpo humano enquanto a lógica ordena e busca ordenar as ações da própria razão⁴.

1.2. O conceito de lógica

Sobre a caracterização da lógica proposta por Tomás de Aquino na passagem citada acima como “*A arte diretiva do próprio ato da razão, pela qual o homem procede no ato mesmo da razão ordenadamente, facilmente e sem erro*”⁵, é necessário levar em consideração alguns pontos⁶.

Em obras diversas, Tomás de Aquino considera a lógica não só a partir dessa caracterização bem como também encontramos estes qualificativos da lógica assinalados por ele: além de ser a arte diretiva dos atos da razão, é certa ciência racional⁷ e filosofia racional⁸, bem como é uma ciência ou arte introdutória, instrumental e metodológica às ciências especulativas⁹, e

⁴ Há uma distinção importante realizada na passagem em estudo que se refere à relação entre a razão, que além de raciocinar sobre os seus próprios atos, dirige, por aquilo que apreende, não apenas os atos das partes inferiores da alma, como também os atos das partes superiores, e o intelecto que a si mesmo se entende. No entanto, tanto a razão quanto o intelecto são identificados como sendo da parte intelectual da alma racional. Cf. *Id. In VI Eth.*

⁵ *Id. In I Post. Anal.*, 1, n. 1

⁶ Essa “caracterização” não é outra coisa que não a própria definição da lógica. Assim a tomou a tradição de comentadores afiliados à escola tomista, de cujo ensino certamente temos uma proximidade maior com o fundo do pensamento de Tomás de Aquino, malgrado as muitas diferenças particulares, de modo que o levá-la em consideração, em uma pesquisa sobre Santo Tomás, é de apoio, o mais das vezes, seguro. Neste sentido, ensina A. Farges e D. Barbedette: “*Définir signifie poser des limites fixes, ou déterminer la compréhension d’un sujet donné*” (FARGES e BARBEDETTE, *Cours de Philosophie*, 1º vol., 1935, p. 106). Ora, como veremos no corpo do texto, a definição de lógica que temos analisado ou a sua caracterização não é suficiente se levarmos em conta as outras caracterizações do conceito proposta por Santo Tomás.

⁷ AQUINO, Santo Tomás de. *In I Post. Anal.*, 1, n. 2.

⁸ *Ibid.*, n. 6.

⁹ *Id. In I Met.*, 3, n. 6: “*Sicut Scientiae logicae, quae non propter se quaeruntur, sed ut introductoriae in alias artes*”. [“Tal e como as ciências lógicas, que não se buscam em razão de si mesmas, senão como introdutória a outras artes”]; cf. *Ibid.*, 1, n. 32: “*Cum igitur plures artes sint repertae quantum ad utilitatem, quarum quaedam sunt ad vitae necessitatem, sicut mechanicae; quaedam vero ad introductionem in aliis scientiis, sicut scientiae logicae*”. [“Como, pois, muitas artes foram inventadas em razão de sua utilidade, algumas das quais para a necessidade da vida, como as mecânicas; ao passo que outras como certa introdução a outras ciências, assim as ciências lógicas”]; *Ibid.*, 3, n. 57. Que é instrumental posto que serve como todo instrumento a outra coisa e é subordinada a isso como a um fim, Santo Tomás o expõe em *In De Trin.*, 5, 1 ad 2: “*Res autem, de quibus est logica, non quaeruntur ad cognoscendum propter se ipsas, sed ut adminiculum quoddam ad alias scientias*”. [“De fato, as coisas de que a lógica trata não são buscadas em razão de si mesmas, mas como certo instrumento a outras ciências”]. Que é metodológica porque ensina o método para as outras ciências, a partir do modo de proceder que se

é parte, redutivamente, dessas mesmas ciências especulativas¹⁰. Apenas por essa caracterização do trecho que trazemos nenhuma dessas notas que distinguem também a lógica são esclarecidas.

Desse modo, é necessário estudar a lógica a partir de outros pontos de vista para que cada uma de suas notas constituintes sejam para nós esclarecidas. E é isso o que buscamos fazer nas páginas seguintes, tomando como ponto de partida a nota distinguida por Tomás de Aquino na caracterização de lógica como certa arte em um contexto em que descreve, em seu prefácio aos comentários que compôs aos *Analíticos Posteriores* de Aristóteles, as artes em geral como tendo sido inventadas.

1.3. O caráter inventivo da lógica

Na invenção da lógica, a razão humana passa a ser diretiva do ato que é próprio da razão enquanto tal. Assim, o homem pode errar quando busca utilizar de sua razão, não, entretanto, de acordo com o trecho comentado¹¹, quando já buscasse, utilizando também da razão, construir o que é edificado e produzido pelas artes edificatórias e fabris, uma vez que essas artes já tinham sido inventadas pelas quais ordenada e facilmente as ações humanas se ordenam.

deve usar em cada uma das ciências particulares, o explica o nosso autor em *In II Met.*, 5, n. 5: “oportet quod homo instruat per quem modum in singulis scientiis sint recipienda ea quae dicuntur. Et quia non est facile quod homo simul duo capiat, sed dum ad duo attendit, neutrum capere potest; absurdum est, quod homo simul quaerat scientiam et modum qui convenit scientiae. Et propter hoc debet prius addiscere logicam quam alias scientias, quia logica tradit communem modum procedendi in omnibus aliis scientiis. Modus autem proprius singularum scientiarum, in scientiis singulis circa principium tradi debet”. [“Convém que o homem seja instruído por qual modo em cada uma das ciências particulares as coisas de que tratam devem ser aprendidas. E posto que não é fácil que um homem apreenda simultaneamente duas coisas distintas, dado que se se direciona, a um só tempo, a duas coisas distintas, nenhuma delas bem apreende, é absurdo que um homem investigue determinada ciência e o modo de investigação que convém a essa ciência. E, assim, ele deve começar o estudo antes pela lógica do que pelas outras ciências, porque a lógica traz o modo comum de proceder em todas elas. Além disso, o modo próprio de cada uma das ciências deve ser tratado em seu início”].

¹⁰ Id. *In De Trin.*, 5, 1 ad 2: “Et ideo logica non continetur sub speculativa philosophia quasi principalis pars, sed sicut quiddam reductum ad philosophiam speculativam, prout ministrat speculationi sua instrumenta, scilicet syllogismos et diffinitiones et alia huiusmodi, quibus in scientiis speculativis indigemus”. [“E, desse modo, a lógica não é contida na filosofia especulativa como parte principal, mas o é redutivamente, na medida em que dá os instrumentos à especulação, tais como os silogismos, as definições e outros que tais, dos quais necessitamos nas ciências especulativas”].

¹¹ Id. *In I Post. Anal.*, 1, n. 1: “Si igitur ex hoc, quod ratio de actu manus ratiocinatur, adinventum est ars aedificatoria vel fabrilis, per quas homo faciliter et ordinate huiusmodi actus exercere potest”. [“Assim, do fato de que a razão tenha racionado sobre os atos realizados com as mãos descobriu-se a arte edificatória ou fabril, pela qual o homem pode realizar fácil e ordenadamente esta classe de atos”].

É verdade que é possível que o homem pode errar ao usar de sua razão, a possibilidade, em geral, se verifica pelo fato de que as artes também em geral tenham sido inventadas. É verdade, porém, que no próprio uso de sua razão enquanto tal há erros a serem corrigidos, e a verdade do fato se conclui pelo fato de que a lógica foi criada e desenvolvida¹².

Este é o fato, a lógica, e esta é a razão do fato: os erros da razão humana ao dirigir os seus próprios atos. A razão do fato supõe a percepção de uma imperfeição a ser corrigida, a lógica já criada e desenvolvida, as ações da razão sem mais não mais ordenáveis mas já ordenadas¹³.

Ora, as ações ordenadas pela arte o são para que as ações humanas atinjam um fim qualquer e respectivo a cada uma das artes, mas apenas através de meios determinados. Os meios são determinados em todas as artes pelo uso da razão, donde é fácil concluir que a arte da lógica que ordena o uso da razão em seu aspecto mais universal seja designada por Tomás de Aquino como a arte como que por excelência, vale dizer, a arte das artes: *“Et ideo videtur esse ars artium, quia in actu rationis nos dirigit, a quo omnes artes procedunt”*¹⁴. Uma primeira distinção, porém, entre a lógica e as outras artes é tomada pelo que o nosso autor afirma sobre o objeto do qual a razão partiu nas invenções das artes para que as ações fossem ordenadas, *i. e.*, respectivamente, a razão e o intelecto e as próprias mãos. Das mãos não simplesmente, mas das *ações* das mãos.

Teríamos uma contradição se comparássemos o texto que estamos analisando¹⁵ com este outro: *“Nam agere proprie dicitur secundum operationem quae permanet in agente, et non transit in materiam exteriorem... Facere autem est secundum operationem transeuntem in materiam exteriorem, quae permuatatur”*¹⁶. Desse modo, uma vez que temos a distinção entre *agir* e *fazer* como certas espécies

¹² A expressão “enquanto tal” é variante para a expressão latina “simpliciter” que se contradistingue, gramaticalmente, da expressão também latina “secundum quid”. De modo que o uso da razão que é próprio das outras artes não é um uso da razão simplesmente ou enquanto tal, uma vez que falte aquele ato reflexivo completo da razão sobre si mesma que distingue o uso da razão que é próprio da lógica em relação ao uso que é próprio das outras artes.

¹³ É daqui que se toma a distinção tradicional entre *logica naturalis* e *artificialis*. A primeira refere-se ao processo natural e espontâneo do entendimento em relação aos objetos que atinge, mais ou menos perfeitamente e variando de indivíduo a indivíduo; ao passo que a segunda se refere à lógica tal como foi criada e desenvolvida por Aristóteles e pela qual a potência natural do entendimento é aperfeiçoada.

¹⁴ *Id. In I Post. Anal.*, 1, n. 3: “E desse modo parece que a lógica é a arte das artes, posto que nos dirige no próprio ato da razão, da qual todas as outras artes procedem”.

¹⁵ *Ibid.*, n. 1.

¹⁶ *Id. In XI Met.*, 7, n. 7: “Com efeito, agir em sentido próprio é dito segundo a operação que permanece no agente, e não transita a uma matéria exterior... Ao passo que o fazer refere-se a uma operação que transita a uma matéria exterior, que é modificada”. Cf. *Id. De Ver.*, 5, 1 c (caput); *Id. In VI Eth.*, 3, n. 10.; *Id. C. G.*, II, 1.

do gênero *operação*, e as coisas que antes eram apenas *ações* das mãos tornaram-se operações que são um *fazer*, como o é o fazer uma casa que se segue das artes edificatórias como um seu produto, partiremos para o estudo das implicações que se seguem dessa distinção de modo que possamos distinguir a lógica das outras artes ou ciências que são factivas.

Algumas das artes são designadas de ciências factivas pelo fato de que se segue delas determinados produtos exteriores e segundo uma certa razão reta, tal como a nomeia Santo Tomás em muitas passagens¹⁷. Em todas as artes há um aspecto de necessidade naquilo que por elas deve ser produzido, o que nada mais é do que a própria razão reta pela qual as operações do agente e o que é produzido por ele são informados: “*Factiva autem scientia est, per quam recte aliquid facimus; sicut ars fabrilis, et alia huiusmodi*”¹⁸. Há também, até por uma razão maior, como veremos, a razão reta pela qual as operações ordenáveis pela lógica são ordenadas: não é apenas fácil e ordenadamente o modo no qual as ações da razão são ordenadas, mas *sem erro* é a cláusula acrescentada pelo Aquinate para distingui-lo do modo próprio das outras artes, o que sugere, certamente, um vinco mais forte na mesma razão.

As operações ordenadas pela lógica têm origem na própria razão, como todas as artes, e incidem, de volta, sobre a mesma razão, não havendo assim a modificação de nenhuma matéria exterior, daí que não se distinga nessa operação de ordenação qualquer coisa que seja produzida em sentido próprio por ela, e se distinga dela o fazer que sempre conota isto o que por ele é feito, *i. e.*, o seu produto exterior.

Ocorre, porém, que o fazer qualquer coisa pode ser tomado também em um sentido lato, de modo que as próprias ações da razão sejam consideradas certo fazer:

Com efeito, o fazer pode ser tomado de dois modos. No primeiro modo, propriamente; no segundo, comumente. Assim, o fazer propriamente é dito da operação que produz algo na matéria exterior, como uma casa e outra coisa semelhante. No segundo modo, o fazer é tomado por qualquer

¹⁷ Id. S. T., I-II, 57, 3 c.: “*Ratio recta aliquorum operum faciendorum*”. [“*A razão reta de obras que se produzem*”]; Id. In I Met., 1, n. 34: “*Recta ratio factibilium*”. [“*A razão reta das coisas factíveis*”]. Cf. Id. In I Eth., 1, n. 8.

¹⁸ Id. In XI Met., 7, n. 7: “*Com efeito, a ciência factiva é aquela pela qual produzimos retamente algo, tal como a arte fabril, e semelhantes*”.

ação, seja a que transita a uma matéria exterior, como esquentar e secar, seja a que permanece no agente, como entender e querer¹⁹.

E a lógica lida diretamente com o próprio entender referido pelo Aquinate no trecho anterior. Entretanto, não o faz considerando a realidade dos atos do próprio entendimento senão a partir dos produtos que se seguem das ações desse entendimento de modo que por eles as operações sejam ordenadas, como é o caso da definição, da enunciação e do silogismo:

Assim como nos atos exteriores devem ser considerados a operação e a obra, tais como a edificação e o edifício; do mesmo modo nas operações da razão devem ser considerados o próprio ato da razão, o inteligir e o raciocinar, e algo por esse ato constituído. De tal modo que as coisas que são constituídas pelas operações da razão são: primeiro, a definição, segundo, a enunciação, e terceiro e por fim, o silogismo ou a argumentação²⁰.

Enfim, os produtos referidos na passagem anterior não são constituídos das mesmas notas que distinguem as coisas produzidas pelas ciências factivas em sentido estrito, como falamos. É o que nos faz passar para a consideração da lógica como uma arte *sui generis*, na medida em que dela surgem quaisquer produtos, não obstante ainda a considerando como uma arte, só que liberal.

2.4. A lógica como arte liberal

As artes liberais são as sete disciplinas que compunham o currículo formal da educação medieval²¹. A conotação que há no termo liberal de liberdade é fruto de uma independência em relação às coisas materiais a que o aprendizado e exercício de cada uma delas se ordena “*Posto*

¹⁹ Id. S. T., II-II, 134, 2 c.: “*Facere autem dupliciter potest accipi, uno modo, proprie; alio modo, communiter. Proprie autem facere dicitur operari aliquid in exteriori materia, sicut facere domum vel aliquid aliud huiusmodi. Communiter autem dicitur facere pro quacumque actione, sive transeat in exteriorem materiam, sicut urere et secare; sive maneat in ipso agente, sicut intelligere et vele*”.

²⁰ Ibid., I-II, 90, 1 ad 2: “*Sicut in actibus exterioribus est considerare operationem et operatum, puta aedificationem et aedificatum; ita in operibus rationis est considerare ipsum actum rationis, qui est intelligere et ratiocinari, et aliquid per huiusmodi actum constitutum. Quod quidem in speculativa ratione primo quidem est definitio; secundo, enunciatio; tertio vero, syllogismus vel argumentatio*”.

²¹ São as conhecidas gramática, retórica, lógica ou dialética, aritmética, música, geometria e astronomia. Entenderemos as razões por que às vezes a lógica é tomada como dialética, ou vice-versa, quando estudarmos as partes nas quais e as razões das divisões pelas quais a lógica é dividida por Tomás de Aquino.

*que o corpo servilmente subordina-se à alma, e o homem segundo a alma é livre*²². A alma é assim isto por que o homem é livre, e as artes são liberais pelo simples motivo de que seus produtos são imediatos aos atos da razão. Que os produtos sejam imediatos significa que entre quem os produz e o produzido não há nada que se lhes interponha – numa palavra: as coisas materiais singulares. Vimos, de fato, que há certos produtos da lógica que são utilizados pelo entendimento quando busca pela lógica ordenar seus atos através desses produtos, tais quais as ferramentas são também utilizadas por outras artes. Santo Tomás na passagem abaixo designa esses produtos como estando contidos nas “coisas especuláveis”, o que nos faz ver a diferença entre eles e o que em outra passagem designou como “coisas factíveis” em sentido estrito, mas também a proximidade da lógica em relação às outras ciências especulativas, de modo que até seja possível a consideração da lógica como certa ciência especulativa:

Nos próprios objetos de especulação algo se dá ao modo de certa obra, tais como a construção de silogismo ou de discurso harmonioso, ou a coisa que é numerada ou medida. E quaisquer hábitos especulativos que sejam ordenados a essas obras da razão são chamados, por certa semelhança, de artes, só que liberais, para que se diferenciem das outras artes que se ordenam às obras executadas pelo corpo, as quais artes são de certo modo servis, posto que o corpo servilmente subordina-se à alma, e o homem segundo a alma é livre. Porém, aquelas ciências que de modo nenhum ordenam-se a esta classe de obras, são chamadas de ciências simplesmente, não de artes. Mesmo na suposição de que, se as artes liberais são mais nobres, mais àquelas ciências conviria a razão de arte²³.

Santo Tomás distingue as artes liberais das artes mecânicas, e as relaciona com as ciências especulativas, aproximando as artes liberais das ciências especulativas pelas coisas das quais recebem a especificação, *i. e.*, das “coisas especuláveis”. Dentre essas coisas, umas são por nós produzidas e outras não. A lógica refere-se às coisas especuláveis que são produzidas por nós para que os atos do entendimento se ordenem; tal função está relacionada ao fato de que

²² *Id. In De Trin.*, 5, 1 ad 3: *Inquantum corpus serviliter subditur animae, et homo secundum animam est liber.*

²³ *Id. S. T.*, I-II, 57, 3 ad 3: *“In ipsis speculabilibus est aliquid per modum cuiusdam operis, puta constructio syllogismi aut orationis congruae aut opus numerandi vel mensurandi. Et ideo quicumque ad huiusmodi opera rationis habitus speculativi ordinantur, dicuntur per quandam similitudinem artes, sed liberales; ad differentiam illarum artium quae ordinantur ad opera per corpus exercita, quae sunt quodammodo serviles, inquantum corpus serviliter subditur animae, et homo secundum animam est liber. Illae vero scientiae quae ad nullum huiusmodi opus ordinantur, simpliciter scientiae dicuntur, non autem artes. Nec oportet, si liberales artes sunt nobiliores, quod magis eis conveniat ratio artis”.*

a lógica é uma arte introdutória ou quase-ciência também introdutória, metodológica e instrumental.

Desse modo, é necessário que passemos a um estudo das razões que fundamentam a produção há pouco referida dos produtos lógicos pelo entendimento quando intenta pela arte liberal da lógica ordenar os seus atos através desses produtos, de modo que distingamos a coisa particular a que a lógica se ordena.

2.5. A lógica e as ciências especulativas

Mantenhamos as conclusões seguintes dos parágrafos anteriores: pelo fato de que haja na lógica qualquer produto, ela assemelha-se às artes em geral, entretanto esses produtos das artes em sentido estrito que foram designadas por Tomás de Aquino de ciências factivas são exteriores ao agente e têm o fundamento de sua realidade nas próprias coisas materiais sensíveis, razão por que a lógica das ciências factivas se distingue, aproximando-se, porém, das artes liberais, pelo fato já estudado de que os produtos de ambas são imediatos à razão. Passaremos, agora, ao estudo da razão pela qual a lógica relaciona-se com as ciências especulativas, na medida em que aquela se ordena diretamente a estas.

A lógica tem como objeto de consideração a ordem do saber²⁴ que se refere ao *modo de proceder* pelo qual as coisas terão de ser sabidas em cada uma das ciências particulares, sendo assim constitutiva do método que deve ser seguido nessas ciências para que atinjam os seus respectivos objetos e se constituam na razão formal de ciência:

Convém que o homem seja instruído por qual modo em cada uma das ciências particulares as coisas de que tratam devem ser aprendidas. E posto

²⁴ A ordem do saber não é a mesma que a ordem do conhecer segundo a teoria do conhecimento tomasiana, a primeira se refere mais às ciências especulativas enquanto tais e a segunda à descrição do processo cognoscitivo em geral exposta por Aristóteles e comentada por Tomás de Aquino, *v. g.*, em *De Ver.*, 3, 2 r. in fine: “*In intellectu speculativo videmus quod species, qua intellectus informatur ut intelligat actu, est primum quo intelligitur; ex hoc autem quod est effectus in actu, per talem formam operari iam potest formando quidditates rerum et componendo et dividendo; unde ipsa quidditas formata in intellectu, vel etiam compositio et divisio, est quoddam operatum ipsius, per quod tamen intellectus venit in cognitionem rei exterioris; et sic est quasi secundum quo intelligitur*”. [“*Vemos no intelecto especulativo que a espécie pela qual o intelecto é informado para que entenda em ato é a primeira coisa pela qual o intelecto entende. Ora, uma vez que tenha sido atualizado por aquela espécie, o intelecto pode já passar ao ato formando as quiddidades das coisas e compondo e dividindo, donde a própria quiddidade formada no intelecto ou a composição e divisão são certas obras suas, pelas quais o intelecto conhece as coisas exteriores, e isto é a segunda coisa pela qual o intelecto entende*.”].

que não é fácil que um homem apreenda simultaneamente duas coisas distintas, dado que se se direciona, a um só tempo, a duas coisas distintas, nenhuma delas bem apreende, é absurdo que um homem investigue determinada ciência e o modo de investigação que convém a essa ciência. E, assim, ele deve começar o estudo antes pela lógica do que pelas outras ciências, porque a lógica traz o modo comum de proceder em todas as outras ciências. Além disso, o modo próprio de cada uma das ciências deve ser tratado ao início de cada uma delas²⁵.

Ora, se é a lógica que determina o modo de proceder pelo qual em cada uma das ciências particulares devem ser conhecidas as coisas de que tratam, é de supor que as anteceda, uma vez que é um equívoco “*buscar a ciência e o modo respectivo que convém a cada ciência*”²⁶. Haverá, desse modo, certa necessidade de que a lógica seja estudada e aprendida antes das outras ciências, na medida em que o aprendizado e a posse dessas ciências são subordinados, quanto ao modo de adquiri-las, ao aprendizado e à posse antecedentes do que é exposto na lógica:

No aprendizado geralmente começamos por aquilo que é mais fácil, a não ser que a necessidade imponha outra coisa. De fato, às vezes é necessário que comecemos o aprendizado não pela coisa que é mais fácil, mas pela coisa da qual depende o conhecimento das que se lhe seguem. E por esta razão convém que comecemos o aprendizado pela lógica, não porque é mais fácil do que as outras ciências, uma vez que a sua dificuldade é máxima, na medida em que tem como objeto as coisas compreendidas enquanto compreendidas, mas deve-se começar por ela porque as outras ciências dela dependem, enquanto a lógica ensina o modo de proceder em todas as ciências²⁷.

²⁵ Id. In II Met., 5, n. 5: “*Oportet quod homo instruatur per quem modum in singulis scientiis sint recipienda ea quae dicuntur. Et quia non est facile quod homo simul duo capiat, sed dum ad duo attendit, neutrum capere potest; absurdum est, quod homo simul quaerat scientiam et modum qui convenit scientiae. Et propter hoc debet prius addiscere logicam quam alias scientias, quia logica tradit communem modum procedendi in omnibus aliis scientiis. Modus autem proprius singularum scientiarum, in scientiis singulis circa principium tradi debet*”.

²⁶ Ibid.

²⁷ In De Trin., 6, 1 ad 13: “*In addiscendo incipimus ab eo quod est magis facile, nisi necessitas aliud requirat. Quandoque enim necessarium est in addiscendo incipere non ab eo quod est facilius, sed ab eo, a cuius cognitione sequentium cognitio dependet. Et hac ratione oportet in addiscendo a logica incipere, non quia ipsa sit facilius ceteris scientiis, habet enim maximam difficultatem, cum sit de secundo intellectis, sed quia aliae scientiae ab ipsa dependent, in quantum ipsa docet modum procedendi in omnibus scientiis*”.

Deixemos de lado por ora o que Santo Tomás de Aquino designa como “secundo intellectis”, dentro em pouco o trataremos. Basta saber que é a coisa designada pelo nosso autor como os instrumentos a serem conhecidos e utilizados em função das ciências especulativas:

As coisas de que a lógica trata não são buscadas para que se conheçam em razão de si mesmas, mas como certo instrumento a outras ciências. E, desse modo, a lógica não é contida na filosofia especulativa como parte principal, mas o é redutivamente, na medida em que dá os instrumentos à especulação, tais como os silogismos, as definições e outros que tais, dos quais necessitamos nas ciências especulativas²⁸.

A passagem citada acima é suficiente para que evidenciemos a instrumentalidade da lógica. De fato, a lógica não é um fim em si mesmo mas ordena-se às ciências especulativas como a um fim “*Quaedam (artes repertae sunt) ad introductionem in aliis scientiis, sicut scientiae logicae*”²⁹. A arte que é contida redutivamente na própria filosofia especulativa, é por Tomás de Aquino considerada em várias passagens como certa ciência: “*Et haec ars est logica, idest rationalis scientia*”³⁰. Há uma distinção, entretanto, entre a lógica e as outras ciências na medida em que as ciências em sentido estrito tratam de coisas reais e são especificadas por essas coisas reais, as quais, se não existissem, não haveria ciência alguma, já a lógica trata de coisas não reais no que se refere aos seus produtos, posto que são produzidos para que sejam utilizados como instrumento nas ciências em geral³¹. A realidade, porém, daquilo que é produzido, antes de que tenha alguma, consiste em antes não ter tido nenhuma.

Acima referimos que a razão falha e pode falhar, e evidenciamos isso não pelas ciências já constituídas e distinguidas umas das outras, embora, por suposto, a necessidade de dividi-las é signo de que as coisas distintas umas das outras de que tratam não são por nós penetradas numa única apreensão³² – mas a temos, de fato, na necessidade de que os atos mesmos da

²⁸ *Ibid.*, 5, 1 ad 2: “*Res autem, de quibus est logica, non quaeruntur ad cognoscendum propter se ipsas, sed ut adminiculum quoddam ad alias scientias. Et ideo logica non continetur sub speculativa philosophia quasi principalis pars, sed sicut quiddam reductum ad philosophiam speculativam, prout ministrat speculationi sua instrumenta, scilicet syllogismos et diffinitiones et alia huiusmodi, quibus in scientiis speculativis indigemus*”.

²⁹ *Id.* In I Met., 1, n. 32: “*Algumas (artes foram descobertas) como introdutórias a outras ciências, assim as ciências lógicas*”.

³⁰ *Id.* In I Post. Anal., 1, n. 2: “*E esta arte é a lógica, isto é, a ciência racional*”.

³¹ Embora o fundamento dessa produção desses produtos artificiais estriba-se em coisa real, na categoria da qualidade, como veremos no segundo capítulo.

³² *Id.* S. T., I, 58, 4c.: “*Se intellectus statim in apprehensione quidditatis subiecti haberet notitiam de omnibus quae possunt attribui subiecto vel removeri ab eo, nunquam intelligeret componendo et dividendo, sed solum intelligendo quod quid est*”. [“*Se o intelecto na apreensão da quiddidade imediatamente tivesse conhecimento de todas as coisas que podem*”].

razão sejam ordenados pela lógica, posto que errem, motivo pelo qual essa arte e ciência instrumental foi inventada. A ordem dos atos da razão é subordinada à contemplação da ordem encontrada nas coisas da natureza, essa contemplação não ocorrerá sem que antes os conceitos e as vozes significativas que os expressam tenham sido ordenados, as orações se ordenem em um todo maior e as conclusões se sigam das premissas postas e ordenadas como se deve: esta é a ordem encontrada em todas as ciências, nunca por elas mesmas, o lógico a faz para que a ordem real e maior das coisas naturais possa ser perscrutada, uma vez que os atos da razão já tenham sido ordenados.

3. Conclusão

Chegamos às conclusões seguintes, a tomar-se como ponto de partida para o desenvolvimento *in extenso* da teoria lógica: *a lógica é a arte diretiva do próprio ato da razão, pela qual o homem procede no ato mesmo da razão ordenadamente, facilmente e sem erro*; que ela é, pela já dito, arte, só que liberal, posto que há certa produção, pelos atos do entendimento, de alguns produtos – definições, proposições e silogismos – mediante os quais os seus próprios atos se ordenam; e que ela é, tanto quanto, certa ciência, ainda que o seja redutivamente, isto é, dado que, diferentemente das ciências especulativas, que pressupõem certa coisa real que conhecem, a lógica, mesmo quando ciência, isto é, quando garanta conhecimento necessário e universal das coisas de que trata, não perde a sua *produtividade* que a distingue enquanto arte; e, por fim, tudo isso em razão da lógica ter certa função instrumental, metodológica e introdutória às outras ciências, dado que deva ser ensinada antes de todas as outras, a fim de que essas outras se conheçam, a rigor.

Referências Primárias.

ser atribuídas ao ou removidas do sujeito, nunca compreenderia por composição ou divisão, mas compreenderia imediatamente a coisa que é’]. Das composições do intelecto surgem as proposições, dentre as quais se encontram as proposições por si e necessárias que são utilizadas nas ciências particulares, sendo suposto a imperfeição do entendimento em alcançar imediatamente na simples apreensão tudo o que pertence a uma quiddidade.

AQUINO, Santo Tomás de. *Opera omnia*. Disponível em <http://www.corpusthomisticum.org/iopera.html>

_____. *Comentário ao tratado da Trindade de Boécio (Questões 5 e 6)*. Trad. e introd. de Carlos Arthur R. do Nascimento. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. *Comentário à Metafísica de Aristóteles livros I-IV*, 1º vol. Trad. e introd. de Paulo Faintanin e Bernardo Veiga. Campinas: Vide editorial, 2016.

_____. *Comentário à Metafísica de Aristóteles livros V-VIII*, 2º vol. Trad. e introd. de Paulo Faintanin e Bernardo Veiga. Campinas: Vide editorial, 2017.

_____. *O Ente e a Essência*. Trad. e introd. de Odilão Moura. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

_____. *Questões disputadas sobre a Alma*. Trad. de Luiz Astorga. São Paulo: É Realizações, 2012.

_____. *Suma Contra os Gentios*. Trad. de Odilão Moura e D. Ludgero Jaspers. Porto Alegre: Sulinas, 1990.

_____. *Suma Teológica*. Trans., introd. e notas coletivas. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. *Opúsculos Filosóficos*. Trad. de Paulo Faintanin. Rio de Janeiro: SITA, 2009.

_____. *Comentario a la Ética a Nicómaco de Aristóteles*. Trad. de Ana Mallea. Pamplona: EUNSA, 2010.

_____. *Comentario al “libro del Alma” de Aristoteles*. Trad. de María de Gandolfi e intr. de Mons. Guillermo Blanco. Buenos Aires: Fundación Arche, 1979,

_____. *Comentario al libro de Aristóteles sobre El Cielo y el Mundo*. Trad. de Juan Cruz Cruz. Pamplona: EUNSA, 2005.

_____. *Comentario de los Analíticos Posteriores de Aristóteles*. Trad. de Ana Mallea e Marta Daneri-Rebok. Pamplona: EUNSA, 2002.

_____. *Comentario a la Física de Aristóteles*. Trad. de Celina Lértora. Pamplona: EUNSA, 2010.

_____. *Comentario al libro de Aristóteles sobre la generación y la corrupción, los principios de la naturaleza y otros opusculos cosmológicos*. Trad. de Ignacio Aguinalde Sáenz e Bienvenido Turiel. Pamplona. EUNSA, 2005.

_____. *Commentary on Aristotle's Metaphysics's*. Trad. de John Rowan. Indiana: St. Augustine's Press, 1995.

_____. *Sulla Verità*. Trad. e introd. de Fernando Fiorentino. Milão: Bompiani, 2005.

Secundárias.

BOYER, Carolo, S. I. *Cursus Philosophiae*, 1º vol. Bélgica: Typis Desclée de Brouwer et Soc. Brugis, 1937.

FARGES e BARBEDETTE, A. e D. *Cours de Philosophie*, 1º vol., 19ª ed. Paris: Berche et Pagis, 1935.

GREDT, Iosepho O.S.B. *Elementa Philosophiae aristotelico-thomisticae*, 2 vols. Barcelona: Editorial Herder, 1946.

GENY, Paulo S. J. *Critica de cognitionis humanae valore disquisitio*, 3ª ed. Roma: Pontificia Universidad Gregoriana, 1932.

KNEALE, William e Marta. *O desenvolvimento da Lógica*. Trad. de M. S. Lourenço e pref. de William Kneale. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

LONERGAN, Bernard. *Insight: um estudo sobre o conhecimento humano*. Trad. de Mendo Castro Henriques e Artur Morão. São Paulo: É Realizações, 2010.

FERNÁNDEZ-RODRÍGUEZ. *El concepto en Santo Tomás* em Anuario Filosófico, vol. 7, 1974, págs. 125-190.

_____. *El Objeto de la lógica en Santo Tomás* em Anuario Filosófico, vol. 8, 1975, págs. 153-204.

_____. *Tipología del ente de razón* em Anuario Filosófico, vol. 30, 1997, págs. 361-379.

_____. *El ens rationis, um caso de objeto puro* em Anuario Filosófico, vol. 27, 1994, págs. 297-318.